

**O LIXO QUE NOS CONDICIONA:
INVESTIGAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO COM O “PAI” E A “MÃE”
EM UM PRESENTE INSUSTENTÁVEL**

**THE GARBAGE THAT CONDITIONS US: INVESTIGATIONS ON THE
RELATIONSHIP WITH THE “FATHER” AND THE “MOTHER” IN AN
UNSUSTAINABLE PRESENT**

Ana Catarina Santilli¹

RESUMO

Este artigo tem como proposta investigar como a sociedade ocidental tem se relacionado com os modelos arcaicos do “pai” e da “mãe” e como essa relação pode colaborar para a crise de sustentabilidade planetária vivenciada no presente século. Para tanto foi realizado um estudo a respeito de como os princípios paterno e materno têm se manifestado, a partir de uma revisão bibliográfica da filosofia de Vilém Flusser, que trata sobre o “aparelho” e a “sociedade do lixo”, da psicologia arquetípica de James Hillman, que escreveu sobre a dupla *puer* e *senex* e sobre a *anima mundi*; e das análises de Luigi Zoja a respeito do “pai”. Partindo da contribuição desses autores, podemos encarar a atual civilização ocidental como uma sociedade de “funcionários” presa à primeira infância, não mais guiada por figuras paternas, mas programada por um “aparelho” sem escrúpulos; empanturrada por “bens materiais”, matéria que perdeu seu *status* sagrado de maternidade e que foi transformada em escrava sem alma proibida de falhar, ou então em “lata de lixo” da humanidade. Mas a partir do pensamento desses mesmos autores, também é possível vislumbrar alguns caminhos para se desenvolver um olhar mais ecológico para o mundo, a partir das ciências arqueológicas, propostas por Vilém Flusser, e da *aistheis*, defendida por James Hillman.

PALAVRAS-CHAVES: Olhar Ecológico; Sociedade do Lixo; Patriarcado e Matriarcado; *Puer* e *Senex*; *Anima Mundi*.

¹ Ana Catarina Santilli é mestre e doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e bolsista do CNPq. E-mail: anacatsan@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0424-9079>.

ABSTRACT

This article aims to investigate how Western society has been related to the archaic models of “father” and “mother” and how this relationship contributes to the crisis of planetary sustainability experienced in the present century. For this purpose, a study was carried out about how the paternal and maternal principles have manifested themselves, based on a bibliographical review of the philosophy of Vilém Flusser, which deals with the “apparatus” and the “garbage society”, of the archetypal psychology of James Hillman, who has written about *puer* and *senex* and the *anima mundi*; and Luigi Zoja's analyses about the “father”. From their contribution, we can see the current Western civilization as a society of “operators” trapped in early childhood, no longer guided by father figures, but programmed by an unscrupulous “apparatus”; stuffed by “material goods”, matter that lost its sacred status of motherhood and was transformed into a soulless slave forbidden to fail, or else into a “garbage can” of humanity. But from the thought of these same authors, it is also possible to envision some ways to develop a more ecological view of the world, based on the archaeological sciences, proposed by Vilém Flusser, and the *aistheis*, defended by James Hillman.

KEYWORDS: Ecological View; Garbage Society; Patriarchy and Matriarchy; *Puer* and *Senex*; *Anima Mundi*.

INTRODUÇÃO

Muito acusamos o “patriarcado” como um dos principais responsáveis por nos levar a atual crise de sustentabilidade planetária e acreditamos que uma cultura “matriarcal” (ainda tenhamos dificuldade em concebê-la), poderia nos servir como uma alternativa mais ecológica. Mas ao estudar cuidadosamente como se estruturou tipicamente a figura paterna e materna ao longo da história do Ocidente, é possível alcançarmos um olhar mais complexo tanto do “Pai” quanto da “Mãe” e reconsiderar como a nossa relação com esses dois modelos arcaicos pode ter contribuído ou prejudicado a relação que estabelecemos com o nosso *oikos*, a nossa grande casa.

A proposta do presente artigo é discutir como o Ocidente veio se relacionando com o princípio materno e o princípio paterno desde os tempos modernos, quando a nossa “pegada” ecológica começou a se intensificar e se expandir sobre a Terra, ao ponto de muitos cientistas considerarem que demos início a uma nova era geológica: o antropoceno. O foco desse estudo é a cultura do Ocidente, porque podemos entender que o processo industrial e a cosmovisão moderna, provindos da Europa Ocidental e espalhados pelo resto do globo, como alguns dos principais responsáveis por nos levar a um estado de extremo desequilíbrio com as outras existências do planeta.

Para estruturar a discussão proposta, o artigo foi dividido em três partes. A primeira se dedica a compreender a nossa relação com a figura paterna, a segunda parte dá atenção à nossa relação com a maternidade; e por fim a terceira parte tenta apontar alguns caminhos possíveis para um relacionamento mais saudável e ecológico tanto com a maternidade quanto com a paternidade. Contribuem para fundamentar a presente discussão tanto a filosofia de Vilém Flusser sobre o “aparelho” e a “sociedade do lixo”, quanto a psicologia arquetípica de James Hillman, que nos esclarece sobre a dupla *puer* e *senex* e sobre a *anima mundi*, além do

amplo trabalho de Luigi Zoia a respeito do “pai”.

Paternidade, o “velho sábio”, o “rei petrificado” e o “aparelho”

Para dar início à discussão, é importante considerar como surge a paternidade para entender a função que ela exerce sobre nós. Diferente da maternidade, sua origem não é biológica, mas cultural. Enquanto a relação mãe e filho se estabelece desde a gestação e tem continuidade natural com a amamentação (como ocorre com todos os mamíferos), o papel do genitor masculino poderia se encerrar no momento da concepção, sem que o homem precisasse jamais estabelecer qualquer vínculo com uma criança. Por isso, Luigi Zoia (2005) entende que a paternidade é uma escolha, que amplia a consciência histórica do tempo, ao ultrapassar o instante da concepção. O homem decide estabelecer uma relação contínua de afeto, responsabilidade e cuidado com uma criança: normalmente o filho ou a filha da sua parceira, como deve ter ocorrido no início da monogamia. Quando homens decidem parar de brigar entre si por fêmeas, ao estabelecer parceiras fixas, quando passam a fazer acordos e criam leis para viverem em uma sociedade organizada, pela qual passam a se responsabilizar, o papel e o sentimento paterno poderiam emergir.

Edgard Morin (1973) também argumenta que seriam a intimidade e a proximidade afetiva entre homem e mulher que aproximariam homem e filho, o que faz surgir primeiramente a paternidade psicológica antes mesmo da paternidade genética. Em muitas culturas, inclusive, o pai não é necessariamente aquele que gerou a criança. “Para um Romano, a evidência é completamente diferente, visto que o pai é aquele que adota a criança. Muitas vezes na África, é o irmão da mãe; no Extremo Oriente é, por vezes, o avô, e na América Central, entre os Afro-americanos, acontece ser uma tripulação de homens!” (Cyrulnik, 1997, p.171).

Para o casal Harlow (1971), que fez um estudo sobre os diferentes tipos de “sistemas afetivos”, o pai exerceria uma função secundária na proteção da criança, a quem aprende a amar pelos contatos frequentes mantidos com a mãe. No entanto, Freud (2011) nos permite ampliar a noção do papel psicológico paterno. O pai é aquele que ajuda a criança a se desvencilhar do peito materno, do vínculo primordial e exclusivo com a mãe, aquela que satisfaz os prazeres orais imediatos da criança durante a primeira infância, como se fosse uma extensão do próprio corpo. De uma relação a dois passa a existir uma relação a três. Portanto o pai permite que a criança escape daquele primeiro estágio em que só existe as necessidades e os desejos do “eu” no “eterno presente”, para introduzi-la em uma vida em sociedade, em que existe o “outro”, que tem desejos e necessidades diferentes dos meus e com quem devemos aprender a dialogar em uma relação de alteridade. Zoja (2005) concorda com essa percepção do papel do pai, que acaba estabelecendo um vínculo vertical com a criança, uma relação de autoridade. Ele ensina as leis, a ordem e o compromisso com o outro e com uma sociedade maior. É ele quem costuma punir, ao mesmo tempo em que ensina a responsabilidade, a resposta que devemos dar aos outros. Oferece valores espirituais, que nos guiam, muitas vezes ensina uma profissão ou um ofício, proporciona conhecimento sobre o passado e nos incentiva a pensar no futuro, de tal modo que possamos atingir uma noção história do tempo.

Aqui já notamos algumas das características arquetípicas que distinguem o *puer* do seu outro lado, o *senex*, sobre o qual James Hillman (2008) nos fala a partir de sua psicologia arquetípica. Enquanto o *puer* se expressa no espírito jovem cheio de energia, que voa descomprometidamente, vivendo no eterno presente; o *senex* mantém contato firme com o solo e é praticamente a expressão arquetípica do próprio tempo, como é Cronos. O *senex* também se revela na figura dos “velhos sábios”, que costumam aparecer nas jornadas dos heróis, ao ensiná-los sobre o

passado, ao lhes transmitir uma missão e ao guiá-los em sua trajetória como uma “bússola” rumo ao futuro. Por esse aspecto, vislumbramos uma relação saudável e necessária entre jovens iniciantes e velhos anciãos, que carregam a sabedoria do tempo e colaboram para que os mais novos atinjam um compromisso sagrado com “algo maior”.

Nesse sentido a paternidade não teria que se opor à maternidade, muito menos negá-la. Afinal a própria mãe costuma servir de ponte entre criança e pai. Sabe-se da existência de antigas sociedades matrilineares, em que a criança era ligada a mãe, em que as divindades femininas e maternas eram adoradas, mas cujos principais chefes e autoridades do grupo eram homens. Creta é um exemplo clássico de uma civilização em que o feminino e o masculino pareciam se complementar sem grandes atritos. Junito Souza Brandão (2015, v.1) nos conta como os primeiros gregos que invadiram o território de Hélade conseguiram conciliar suas próprias divindades patrilineares com as divindades matrilineares cretenses, de tal modo que brotasse uma rica cultura em que os diferentes cultos se somavam. Só com as invasões posteriores dos Dórios, é que a cultura grega foi suprimindo o papel feminino na sociedade e reduzindo o culto às divindades maternas, ao “dar a vitória” ao pai. Vitória expressa no mito de Orestes, que mata a própria mãe para vingar o assassinato do pai e acaba sendo perdoado pelos deuses.

Luigi Zoja (2005) constata a desvalorização contínua do feminino e da maternidade com a ascensão cada vez mais acentuada do patriarcado na Grécia. No entanto, não deixa de verificar aspectos positivos que aparecem em heróis que assumem uma paternidade comprometida com o futuro dos seus filhos e filhas. Nesse sentido, Zoja ressalta Heitor, o herói troiano, que tem grande destaque na *Ilíada* de Homero. Em uma cena em particular Heitor ergue o filho nos braços, elevando-o acima de sua cabeça e ora: “Zeus e vós outros deuses, tornai forte este meu filho. E que um dia, vendo-o retornar do campo de batalha, alguém diga: ‘é

muito mais forte que o pai” (Ilíada *apud* Zoja, 2005, p.84). Para Zoja essas palavras são revolucionárias: “A oração de Heitor supera a onipotência imóvel do mito tornando o menino filho, e o filho esperança em algo melhor que o passado mítico” (Zoja, 2005, p.85). O herói revela seu amor paterno ao elevar o filho e seu futuro acima de si, desejando que a geração seguinte supere a sua própria força.

Então podemos reparar no grande contraste entre essa postura de Heitor e a postura de Laio, rei de Tebas, que decide se desfazer do próprio filho ao saber, por um profeta, que um dia ele viria assassinar o pai e tomar o seu lugar. Como sabemos, este filho, Édipo, termina por cumprir a profecia, ao matar o pai e assumir seu reino quando se casar com Jocasta, sua mãe, ainda que inconscientemente. Brandão (2015, v.3, p.259) repara como o conflito entre as gerações aparece como um dos principais temas dessa tragédia clássica. Nesse mito, Laio assume uma das faces negativas do *senex*, a face do “velho petrificado”, seduzido demais pelo poder, para abrir mão dele e se sacrificar pela geração seguinte. É curioso reparar que Freud (2011) mais tarde elegeu Édipo para representar uma das principais perturbações psicológicas que afligem os meninos no processo de crescimento. Pelo menos nas sociedades modernas do Ocidente, o que já nos dá indícios da relação conflituosa entre as gerações típica dos nossos tempos.

Do patriarcado à gula programada

Zoja (2005) repara como a figura do patriarca foi se definindo em diversos níveis ao longo da Modernidade, tanto com o enfraquecimento da fé cristã, que leva Nietzsche proclamar a “morte de Deus” no século XIX, quanto com a queda dos grandes impérios, ou até mesmo com a Revolução Industrial, que afasta os pais de casa tornando-os operários de um “aparelho” (Flusser, 2017b, 2019), uma figura

pouco digna e atraente para as futuras gerações se projetarem. Em suas análises dos últimos tempos, Zoja constata como muitas famílias e filhos sofrem com a ausência paterna, tanto pela falta de reconhecimento da paternidade pelo genitor masculino, como pelo distanciamento e pela dificuldade de tantos homens se vincularem afetuosamente com seus filhos e filhas.

Se por um lado, em um dado período, a ascensão do patriarcado pode ter diminuído a importância das figuras maternas ligadas à Terra, à nossa “casa maior”, por outro lado a deterioração do sentimento paterno também dificulta que homens assumam compromisso com as gerações futuras, que ensinem a alteridade e a responsabilidade com uma comunidade maior, inclusive com o planeta e todas as espécies que nele habitam, nossos vários outros. Isso se torna um problema quando grandes líderes globais e de grandes empresas assumem a face do “velho petrificado”, seduzidos pelo poder do petróleo e dos combustíveis fósseis, incapazes de mudar, gananciosos na disputa por mercado, pelo crescimento econômico, ao ponto de sacrificar o futuro das próximas gerações (além do presente de tantos outros, que já sofrem). Revela-se aqui a imagem de Saturno, o poderoso titã que devora os próprios filhos e filhas para não ser destronado.

Essa gula titânica é característica marcante dos nossos tempos, como Vilém Flusser (2012) trata em seu ensaio sobre a Gula. Ele nos fala de um “aparelho” automatizado que devora constantemente natureza, vista como matéria prima, e vomita produtos manufaturados, instrumentos. As pessoas, por sua vez, têm a função de devorar esses produtos o mais rapidamente para logo abrir a boca para engolir mais bens cuspidos incessantemente pelo “aparelho”.

Esse “aparelho” sobre o qual Flusser se refere constantemente em suas obras talvez possa ser encarado como um substituto do patriarcado. Zoja (2005) repara que na ausência de autoridades paternas podemos chegar a eleger figuras patriarcais inadequadas para nos comandar, “paternidades” que estão mais

interessadas no poder que exercem do que no desenvolvimento e no futuro dos filhos, como ocorreu com Mussolini na Itália Fascista ou mesmo Hitler na Alemanha Nazista. Esses se revelaram mais como líderes de um bando primitivo de machos que disputam por fêmeas (terras ou recursos) do que lideranças com sentimentos paternos, preocupadas com o bem estar da sua comunidade, de suas mulheres e crianças, e o destino do seu povo.

Mas para Flusser (2017b, 2019) as grandes autoridades que elegemos e seguimos desde o Nazismo na verdade não passam de “altos funcionários” de um “aparelho”, que se revela cada vez mais automatizado e desumano. É um aparelho que vai se auto programando e programando seus “funcionários” que o servem, já incapazes de tomar as rédeas do progresso que desencadeamos tão levemente. Eles apenas executam, seguem o “programa” que lhes foi passado, como faziam os funcionários nazistas que seguiam instruções para operar as câmaras de gás, ou mesmo tantos funcionários que continuam a extrair petróleo e dirigir seus carros para chegar ao trabalho ou a uma festa qualquer, sem ter real noção da totalidade e da absurdidade do “aparelho” ao qual servimos.

Hoje até surgem lideranças que parecem desejar seguir por rumos mais ecológicos, mas ao mesmo tempo não conseguem planejar uma economia que não incentive a hiper produção e o consumo em larga escala, não conseguem escapar do “programa”, que os mantém presos. Mesmo quando assumimos consciência dos altos riscos da extração do petróleo e do uso de combustíveis fósseis, não conseguimos parar de alimentar a sede insaciável dos automóveis, dos aviões, dos aquecedores e de tantas máquinas das quais não conseguimos mais viver sem. Não à toa Flusser (2017b) constata como hoje somos muito mais condicionados pelos produtos da cultura do que pela própria natureza. Não temos controle do nosso destino. Seguimos cegamente e aterrorizados o “programa” de um “aparelho” desumano e sem escrúpulos.

Nesse esquema que Flusser nos apresenta, os seres humanos foram reduzidos a “funcionários”. Até os “altos funcionários” especializados, que se creem livres para decidir, ainda são funcionários, pois apenas escolhem dentre as opções oferecidas pelo “programa” e executam. Somos funcionários até mesmo no tempo livre quando assumimos a função de consumir os produtos vomitados pelo aparelho. Devemos devorar o tempo todo, mesmo quando nos conscientizamos do “programa” absurdo que seguimos. Podemos resistir, mas uma hora precisaremos comprar um novo celular mais potente, que dê conta de tantos aplicativos cada vez mais pesados, que as profissões, as instituições e os grupos sociais aos quais pertencemos (as “repartições do aparelho”) nos impõem.

A gula do aparelho foi diluída para todos os lados. Todos devem ter bocas grandes para devorar sem parar tudo o que é lançado para nós, com uma falsa sensação de liberdade. Essa gula, por sua vez, além de ser comparada com a gula de Saturno, pode ser comparada com a criança pequena que tem os prazeres orais satisfeitos pela mãe assim que chora. Por esse viés constatamos uma das faces negativas do *puer aertenus*, que não pensa no passado e no futuro, na origem e no destino de todas as coisas, presa aos prazeres orais imediatos da primeira infância egocêntrica.

Constatamos então uma sociedade de crianças mimadas desconectadas do seu outro lado, o *senex*. Em vez de um “velho sábio” para guiá-los em sua jornada de crescimento, autonomia e individuação pessoal, nossos pequenos *puers* são expostos a um “aparelho” desumano que começa a programá-los desde seus primeiros anos de vida para consumirem e competirem no mercado de trabalho. Competição que, para Zoja, também remete à atitude dos machos primitivos, que disputavam por fêmeas para copularem, sem desenvolverem qualquer sentimento paterno, qualquer compromisso com o futuro de uma criança ou comunidade.

Maternidade, matéria manipulada e Morte

Podemos talvez ouvir os últimos suspiros do patriarcado, como Zoja sugere. Mas isso não significa necessariamente uma ascensão do matriarcado. Com a decadência do patriarcado e da “era messiânica”, ainda não sentimos estar próximos do “Matriarcado de Pindorama” tão clamado por Oswald de Andrade (1972).

O número de famílias matrifocais cresce no Brasil e em outras partes do mundo. Contudo nem sempre as mulheres que chefiam suas casas têm condições de serem ouvidas, respeitadas, guiarem seus filhos e filhas, sendo que por vezes mal conseguem alimentá-los. Por alguns milhares de anos, o Ocidente veio sustentando imagens masculinas como símbolos paternos de autoridade. A partir daí, Zoja (2005) repara na dificuldade de muitos jovens, principalmente rapazes, em reconhecerem na mãe uma autoridade paterna e um modelo a seguir. Ainda que surjam grandes lideranças femininas (muitas com grande responsabilidade e dedicação para cuidar e guiar àqueles que a seguem), não podemos negar que os grandes cargos de poder continuam a ser ocupados em larga escala por homens. Constatamos isso ao reparar na enorme desproporção entre lideranças masculinas e femininas nos encontros políticos internacionais, ou mesmo no congresso e no senado brasileiro. E ainda, muitas das mulheres que disputam altos cargos no mercado de trabalho ou na política acabam entrando na mesma lógica titânica e competitiva da masculinidade primitiva, que rege esses ambientes de poder, sem muito espaço para expressar qualquer sentimento maternal de cuidado com o bem estar das gerações mais novas.

Por outro lado, poderíamos considerar que, ao vivermos presos na primeira infância, tendo os nossos prazeres orais e materiais satisfeitos por compras instantâneas em lojas, mercados e pela internet, estaríamos conectados a uma

figura materna, que nos alimenta o tempo todo. Por esse viés a imagem que se apresenta é a do *puer aertenus* que não consegue se desvencilhar do peito da Grande Mãe. É a imagem de João e Maria devorando uma casa feita de doces, assim como devoramos o nosso grande *oikos*. Mas, como nos ensina o conto infantil, para que as crianças não sejam devoradas pela Grande Mãe (expressa na casa de doces e na sua dona), elas precisam pensar a longo prazo, assumir certa autonomia e abandonar a satisfação imediata e inconsequente de todos os prazeres orais (Bettelheim, 2017). Então é preciso investigar a relação doentia que estabelecemos com o arquétipo da mãe, ou com essa “casa de doces”, à qual reduzimos nosso *oikos*.

A maternidade está associada aos cuidados corporais, à casa acolhedora, ao chão que nos abriga e nos dá colo, à terra e ao seio farto que nos alimenta, enfim, à matéria da qual somos feitos e que nos sustenta. Somos frequentemente acusados de sermos uma sociedade materialista devido à nossa gula incessante por novos bens materiais para devorar. Contudo é preciso considerar o constante descaso e despreço com o qual tratamos essa matéria, manipulada e manufaturada prontamente para nos servir e ser rapidamente descartada. A matéria foi reduzida a recursos, *commodities* ou bens de consumos desalmados. Assim escreve James Hillman, a partir da sua psicologia arquetípica:

As coisas são ignoradas; cada objeto, por definição, é rejeitado mesmo antes de ser manufaturado; lixo e trapos sem vida; tirando completamente seu valor de meu desejo destrutivo de ter e possuir, totalmente dependente do sujeito para lhe insuflar vida com desejo pessoal. (Hillman, 2010, p.90).

Desde de Descartes a matéria passou a ser vista como algo inanimado, sem alma, valorizada apenas pela sua utilidade, pelo preço e pelo *status* que pode agregar ao dono. Como Hillman (2010) nos ensina, esse olhar mata a alma do

mundo, a *anima mundi*, que se revela pela forma expressiva que as coisas a nossa volta se manifestam. Quando deixamos de encarar a face e retribuir o olhar da matéria que nos cerca, nos tornamos alheios a ela, não conseguimos criar um vínculo de carinho e intimidade e somos enclausurados na solidão do nosso próprio ego.

Patricia Berry (2021), que segue os caminhos da psicologia arquetípica, também nos alerta sobre a dificuldade de entrar em contato íntimo com a matéria e com a Mãe Terra por meio de atividades com coisas concretas, se, no entanto, não mudamos o olhar que dirigimos a tais coisas. Do que adianta plantar, cozinhar, costurar, se continuamos a olhar para a terra, a comida e a roupa com as quais interagimos superficialmente, sem qualquer profundidade psíquica?

Uma pessoa pode cultivar seu próprio alimento e, ao mesmo tempo, girar num espaço mental e emocional com muito pouco solo psíquico. Portanto, não é apenas a terra física que realmente nos liga à divindade da Mãe Gaia, mas a terra psíquica, terra que se tornou almada com divindade psicologicamente complexa e, como a de Hesíodo, tocada pelas musas metafóricas da alma. (Berry, 2017, p.18).

Só podemos criar um vínculo saudável e amoroso com a matéria, com a Mãe Terra, e até mesmo com nossa mãe biológica, se formos capazes de encarar sua alma, o que lhe dá personalidade, individualidade e sacralidade. E essa alma se revela na face, no cheiro, nas texturas, no olhar, na voz que todas elas nos dirigem, independentemente do que pretendemos com elas ou como as utilizamos.

Contudo, quando olhamos a matéria, a nossa casa, a Terra (ou até mesmo a nossa mãe biológica) apenas pelo ponto de vista da utilidade, da eficiência programada e do *status*, reduzimos todas elas a servas inanimadas, desalmadas, que devem nos servir obedientemente como escravas. Ou, como Vilém Flusser (2002) diria, as coisas a nossa volta, que antes podiam ser misteriosas, espantosas

e cheia de sacralidade, foram reduzidas a instrumentos, que, no fundo, não passam de extensões do nosso próprio “eu”:

As máquinas são nossos braços prolongados, os veículos nossas pernas prolongadas, e o mundo em geral é uma projeção do nosso eu sobre a superfície e abismal do nada. As feras que ainda aparecem são cachorros projetados por nós para guardar nossas casas. Os trovões que ainda trovejam são movimentos do ar projetados por nós para carregar nossos aviões em seu voo fútil. As árvores que ainda brotam são matéria-prima projetada por nós para serem transformadas em instrumento (Flusser, 2002, p.92).

Para Flusser, essa visão instrumental deteriora progressivamente nosso sentimento religioso, pois, a partir do momento em que tudo é tão corriqueiro, deixa de ser sagrado. Não é mais possível adorar nada além do trabalho manipulador da existência humana, o que leva a uma auto adoração e ao narcisismo (Flusser, 2002, p.94-5). Portanto não podemos desenvolver amor verdadeiro por qualquer coisa material e adorar a Mãe Terra se a encaramos apenas como instrumentos, extensões do meu próprio “eu”. Como Santilli e Baitello (2022) comentam a partir das críticas de Flusser sobre essa visão objetiva e instrumental, passamos a viver isolados em um mundo morto, rodeados por objetos mortos, que não podem nos olhar de volta ou fazer companhia. Podemos apenas manipulá-los como se fossemos deuses, e com isso, cometemos o mais terrível pecado para os gregos, o pecado da *húbris*.

A “lata de lixo” e a Grande Mãe Devoradora

Pela obra de Vilém Flusser, entendemos que as coisas da natureza são incessantemente devoradas pelo “aparelho”, que as transforma em instrumentos, produtos da cultura, para serem consumidos por nós, humanos, que fomos

reduzidos a consumidores (outro tipo de “instrumento” do “aparelho”, em outras palavras, “funcionários”). O problema é que os bens da cultura não estão mais sendo feitos para durar e resistir à deterioração do tempo, como deveria ser o objetivo de toda cultura.

Podemos constatar isso ao olhar para o modo como nossas casas (bens culturais tipicamente maternos) estão sendo construídas em comparação aos tempos passados. As casas, até um tempo atrás, deveriam ser resistentes e duradouras para nos proteger das intempéries externas da natureza. Podíamos criar uma relação de afeto contínua com nossa casa, nosso lar, nosso centro aconchegante, expresso na deusa Héstia (Paris, 1994). No entanto hoje somos impelidos a trocar de apartamento incessantemente, muitas vezes mal paramos em nossos lares, que perdem seu aspecto aconchegante e protetor com o “furacão da mídia”, que invade nossas “casas furadas” (Flusser, 2014). As grandes empreiteiras não estão tão interessadas em manter casas antigas que nos permitiriam criar raízes profundas com nossos antepassados, vínculos duradouros com um espaço. Economicamente é preferível demolir qualquer casinha ancestral para abrir espaço para torres megalomaniacas, que expressam melhor o titanismo dos nossos tempos, mas que muitas vezes são construídas com materiais mais baratos e ociosos. Não raramente sentimos que construções antigas são muito mais “sólidas” e firmes do que as construções mais recentes. Os apartamentos hoje também já não nos atraem tanto pelo seu “fogo” acolhedor, mas por ser novo, “esterilizado”, sem qualquer história e com tecnologias que atendem aos nossos comandos de voz obedientemente. Tão logo arranjamos um emprego do outro lado da cidade, esse apartamento pode ser abandonado por um outro canto qualquer que atenda melhor às nossas necessidades do momento.

Esse vínculo tão efêmero que criamos até com a nossa casa instrumentalizada chega a ser ainda mais frágil com outros bens culturais. Os

instrumentos que adquirimos quebram ou se tornam obsoletos rapidamente e nos livramos deles sem grandes preocupações. O problema é que eles costumam ser descartados antes de serem inteiramente consumidos, ou seja, antes que possam sumir por completo, perder sua forma, para que possam voltar a ser natureza. Nas palavras de Flusser (1972), são produtos devorados, mal digeridos e vomitados. De tal modo, entre o Reino da Natureza (sem forma) e o Reino da Cultura (informada pelo homem), surge o grande Reino do Lixo (com formas gastas, mas não totalmente). De “sociedade do consumo” passamos para “sociedade do lixo”, devido nossa impotência para consumir tudo que é produzido. E descobrimos que, além de ser reduzida a objeto sem alma, a matéria foi ainda mais maltratada ao, em fim, se transformar em lixo desprezado.

Um ponto curioso que Flusser (1972) destaca em suas análises, é que essa “sociedade do lixo” é um projeto de uma “cultura masculina” que produz afim de tapar “buracos”, pois não tolera “vazios”. Nem o vazio da natureza sem forma e incompreendida (cujo mistério nos causa assombro e espanto), nem o vazio da “concavidade feminina”. Portanto ele produz para “tapar” a “concavidade feminina”, e assim a mulher assume a tão importante função de consumir os produtos lançados a ela. E como consumidora ela não passa de “instrumento”, uma “funcionária” desse grande “aparelho” (inicialmente programado por uma sociedade masculina). De tal modo, Flusser (1972) chega à conclusão que a mulher se transformou na grande “lata de lixo” do homem. Ainda que possamos resistir em admitir esse título atribuído às mulheres, é difícil negar que é exatamente nisso que transformamos a nossa Grande Mãe, a nossa grande casa, o planeta Terra: em “lata de lixo” da humanidade.

Portanto, a maternidade, cuja materialidade nos sustenta, nos abriga e nos alimenta, que antes era repleta de mistério e de alma, que era sagrada e adorada, foi reduzida a escrava muda, cujo destino final é o lixo. E é ao alcançar esse *status* de “lata de lixo”, que a nossa Grande Mãe talvez revele enfim sua terrível face

devoradora, a Morte capaz de engolir o futuro de todos nós.

Em suma: a cultura, realização de um projeto masculino, termina naquilo que projetou no início: no grande buraco tapado. Neste final de cultura a mulher-consumidora revela seu aspecto fundamental: ela é a Morte. E sob este aspecto que ela é o sentido e a finalidade da vida do homem. E de sua própria vida, pois ela se vê apenas do ponto de vista do homem. De maneira que podemos dizer que o engajamento em nossa cultura está se revelando atualmente como paulatina busca da morte, um suicídio que está se consumando (e consumindo) rápida e inevitavelmente. Talvez um dos mitos basilares da nossa cultura seja o da Grande Mãe devoradora. E esse mito se realiza atualmente na forma da Grande Bomba, da Grande Poluição, da Grande Cosmonáutica, (talvez da Grande China). Em suma: A Grande Noite inicial e a Grande Noite Final estão cercando o dia efêmero da nossa cultura (Flusser, 1972, p.46).

Caminhos para uma ecologia

Essa “cultura do lixo” que caracteriza o nosso atual estágio é resultado de um projeto masculino segundo Flusser. Contudo o filósofo tcheco não chega a se referir a uma cultura ou a um projeto “patriarcal”. Para Flusser, os “aparelhos” nos quais estamos inseridos foram programados por homens no início. Mas chegamos a um ponto em que o “aparelho” se auto programa, ao programar os próprios programadores. E não podemos dizer que esse “aparelho” nem mesmo seus programadores têm revelado uma postura muito paternal com a humanidade. Afinal parecem incapazes de se preocupar com o seu futuro, e incentivam que todos os seus “funcionários” permaneçam cegos ao destino fatal para o qual caminham, ao sufocar os orifícios férteis da maternidade com o nosso lixo “onipotente” e “onipresente”.

Talvez é chegada a hora de ultrapassarmos à discussão ingênua de ter que escolher entre patriarcado e matriarcado, entre papai e mamãe. O mito de Orestes, no fundo, nos mostra o quão terrível é ter que fazer essa escolha, pois nosso herói é

consumido pela dúvida e pela culpa o tempo todo e, mesmo no final, ainda que perdoado pelos deuses, não deixa de ser assombrado pelas fúrias. O destino desse jovem provavelmente já estava condenado pelo modo catastrófico como maternidade e paternidade, Clitemnestra e Agamenon, se vincularam desde o início.

Se quisermos amadurecer, assumir autonomia, e tomar as rédeas desse progresso automatizado que nos dirige à Morte, se quisermos cuidar da nossa casa, precisaremos conciliar princípios que insistimos em colocar em oposição. Precisamos tentar ultrapassar a condição de “funcionários”, de crianças presas à primeira infância, de “peças de um jogo”, para resgatarmos nossa humanidade e nos tornamos “jogadores”, como defende Flusser (2019, p.33). Para tanto, podemos vislumbrar alguns caminhos apontados pela filosofia flusseriana, assim como pela psicologia arquetípica de James Hillman.

Arqueologia

Um dos primeiros caminhos que Flusser (2017b) sugere para tentarmos ultrapassar o “aparelho”, é o reconhecimento de sua absurdidade e o reencontro com o mundo concreto. Flusser percebe a dificuldade de desvendarmos a absurdidade do “aparelho” em que nos inserimos, pois vivemos enredados em meio a bens de consumo (materiais e imateriais) e “conversas fiadas”, programados pelo próprio aparelho, que nos impedem de ver além dele. Em outras palavras, podemos dizer que vivemos enredados no meio do “lixo”, que obstruem nosso olhar para o mundo vivo:

O lixo que está inundando a cultura na forma de produtos mal digeridos e vomitados, (produtos materiais e ideais), não apenas perturba os passos dos homens que perambulam no labirinto, corta as plantas dos seus pés com seus cacões, infecta com as bactérias seus pulmões e suas mentes, mas ainda atrai os homens com sua moleza informe de lodo. (Flusser, 1972, p.36).

Devemos, nesse ponto, destacar que o lixo ao qual Flusser se refere não é apenas material, mas também imaterial, como crenças, narrativas, imagens e ideologias passadas, costumes e rituais antigos e esquecidos, ou traumas infantis recalçados. Lixo é tudo que já foi cultura, mas que foi descartado sem ser plenamente digerido. Portanto o lixo se apresenta como “passado da cultura” (material e imaterial) desprezado e soterrado, um passado recalçado. E esse passado inconsciente nos condiciona ainda mais do que a própria cultura:

Somos muito mais condicionados por carcaças de automóveis jogados fora, por radioatividade atmosférica de energias gastas, por comportamentos tribais há muito recalçados, por nacionalismos e ideologias recentemente consumidos, que por geladeiras, aparelhos de refrigeração, universidade e nações unidas. (Flusser. 1972, p.39).

Seguindo por essa lógica, Flusser (1972, p.40) chega à conclusão de que precisamos de ciências arqueológicas para lidarmos com esse passado soterrado, as grossas camadas de lixo que nos condicionam. Tanto a arqueologia em si, como também a etimologia, a psicanálise, a mitologia, a ecologia, que também passam a ser consideradas ciências arqueológicas.

Essas ciências arqueológicas têm como meta pesquisar, compreender e metabolizar adequadamente o lixo, o passado recalçado. Nesse ponto, se olharmos pelo viés da psicologia arquetípica, devemos admitir um princípio paterno nessa arqueologia. Se o patriarca é aquele que ensina a continuidade histórica, olhando para o passado e apontando para o futuro, se o *senex* se revela em Cronos, a personificação do tempo, podemos considerar a arqueologia como um “velho ancião”, que pode nos trazer a sabedoria do tempo. Esse parece ser um contraponto necessário para uma sociedade de *puers aertenus*, consumidores gulosos e inconsequentes, que não conseguem ultrapassar a eternidade do presente.

De tal modo, a ecologia, como ciência arqueológica, se revela como um “velho sábio” que pode nos ajudar a investigar as grossas camadas de lixo soterradas sob nosso *oikos*, o passado recalçado que nos condiciona, afim de tentar nos libertar de tal condicionamento. É uma tarefa difícil, mas que poderia auxiliar nossa sociedade de *puer aertenus* a se libertar do “programa” ao qual foi submetida, para tentar assumir autonomia para jogar contra a estupidez desse “aparelho” insustentável. O presente artigo é uma tentativa de contribuir com a ecologia da cultura, ao recorrer à psicologia arquetípica, outra ciência arqueológica, afim de desvendar um pouco sobre alguns dos modelos arcaicos que nos condicionam, afim de estabelecer uma relação mais saudável com tais modelos no futuro.

Aisthesis

Remexer em todo esse lodo é possivelmente um dos primeiros passos que precisamos dar para voltar a olhar para o mundo concreto, para a nossa casa, para a matéria, para a Grande Mãe, que tem sido tão maltratada e que tem ameaçado nos devorar. Como Patrícia Berry (2021, p.25) explica: “o reino original de Gaia incluía ambos os reinos superior do crescimento, nutrição e vida, e o mundo subterrâneo da morte, da limitação e do fim”. E para entrar em contato com a profundidade psíquica da grande mãe, precisamos ir além do contato superficial e mergulhar no mundo inferior das trevas invisíveis e informes, onde está Perséfone, capturada por Hades, separada de sua mãe Deméter, a camada superficial da terra, que anseia se reconectar à filha subterrânea.

Berry alerta que quando os heróis tentam se colocar acima, distante e além da mãe “negativa”, mais eles ficam presos a ela. Quanto mais empurramos o lixo para fora do nosso campo de visão, mais ele nos condiciona. Como acontece em

muitos mitos, é importante que o herói se atreva a mergulhar nas profundezas do Hades, onde tantas vezes entra em contato com ancestrais, que oferecem sábios conselhos, para voltar a emergir fortalecido e mais consciente dos rumos de sua jornada.

Contudo o caminho para o Hades está hoje bloqueado por grossas camadas de lixo. Por isso, se quisermos acessar o passado reprimido, assim como a profundidade psíquica da matéria, que tem sido tão desprezada, precisaremos respirar fundo e mergulhar no Reino do lixo. Remexer nesse lixo soterrado pode ser um modo de destapar buracos e abrir caminhos para reencontrarmos a *anima mundi*, que foi reprimida ao tratarmos a matéria como algo inanimado e sem vida, e que hoje nos conduz à morte:

A morte se oculta nas coisas: asbetos e aditivos alimentares, chuva ácida e tampões, inseticidas e medicamentos, escapamentos de carro e adoçantes, televisão e fons. A matéria está mais endemoniada do que jamais esteve em outra qualquer calamidade. Lemos os avisos de perigo, sentimos males invisíveis, descendo pelo ar, infiltrando a água e impregnando nosso alimento vegetal. O mundo material é habitado novamente, o reprimido retorna da matéria declarada morta por Aquino e Descartes, agora no papel da própria Morte, e, por causa desse fantasma ressuscitado em matéria, estamos por fim novamente conscientes da *anima mundi*. A psicologia sempre promove sua consciência por meios de revelações patologizadas, através do submundo da ansiedade. Nossos receios ecológicos anunciam que as coisas estão onde a alma agora reclama atenção psicológica. (Hillman, 2010, p.97).

Como tantos ecologistas já sentem, o mundo material apresenta sintomas grosseiros pelos quais busca chamar nossa atenção. E para reestabelecer um vínculo saudável com a matéria e com a maternidade, precisamos não só de ciências arqueológicas que nos conscientizem sobre o passado e o lixo que produzimos, precisamos também de um novo olhar imediato para o entorno, que nos permita penetrar na profundidade psíquica da matéria e reencontrar sua alma, a

anima mundi, que se revela tão terrivelmente doente.

Segundo a psicologia arquetípica, a alma se revela na aparência das coisas, na imagem pela qual elas se apresentam. Psiquê é sobretudo bela. Nesse caso a beleza se refere tanto ao bonito quanto ao feio, ao que agrada e ao que incomoda, tudo aquilo que atrai e prende nosso olhar, nossos sentidos, capazes de capturar o mundo à nossa volta e trazê-lo para dentro do coração. No folclore, na astrologia, na medicina simbólica e na fisiognomia, o coração é o órgão sensorial para onde correm todas as imagens que captamos do mundo, incluindo a podridão e o mal odor do lixo putrefato que ousamos a encarar. Hillman, inclusive, chega a considerar a feiura como um guia para o autoconhecimento: “A feiura é o guia, pois respostas estéticas ocorrem mais fortemente com relação ao que é feio” (Hillman, 2010, p.57)

As respostas estéticas, esse movimento que traz o mundo exterior, como imagens expressivas, para o interior se chama *aisthesis*, que pode ser compreendida levando em conta tanto a deusa grega dos sentidos, Afrodite, quanto a raiz da palavra: “aquele ofegar, respirar, inalar que traz o mundo para dentro” (Hillman, 2010, p.49). Esse “trazer para dentro” é o que permite interiorizar a alma da matéria, quando sua beleza penetra nossos poros e atinge nossos corações, tornando-a personificada e amável. Eros é penetrado pela própria flecha, quando olha Psiquê e por ela se apaixona.

Portanto não é projetando o meu próprio “eu” (e todo meu lixo) nas coisas materiais que me cercam que eu posso animá-las e me reconectar a elas. É pela *aisthesis*, a palavra grega para sensação e percepção, que podemos reestabelecer a alma do mundo e voltar a amá-lo. E para Hillman, é pela *aisthesis*, pela resposta estética do coração, que podemos salvar o fenômeno, que é a própria face do mundo:

O que permanece quando tudo perece é a face das coisas como são. Quando não há para onde voltar-se, volte-se para a face diante de você, a face do mundo. Aqui está a Deusa que dá sentido ao mundo, que não é nem mito, nem significado; ao contrário, aquela coisa imediata como imagem, seu sorriso, uma alegria, uma alegria “eterna”. (Hillman, 2010, p.50).

Considerações finais

O presente artigo buscou abordar complexamente a nossa relação com os modelos arcaicos do “pai” e da “mãe”, afim de ultrapassar um olhar binário e ingênuo, que exige a escolha de um em detrimento do outro.

A ecologia nos ensina a pensar complexamente na rede de vínculos que formam um ambiente. Ela nos ensina a vantagem da diversidade. Ensina as múltiplas relações estabelecidas entre diferentes espécies que formam um ambiente rico e equilibrado. Por essa perspectiva, a oposição excludente entre matriarcado e patriarcado, entre *puer* e *senex*, entre *puer* e Grande Mãe não pode nos levar a um estar no mundo ecológico.

Como foi defendido ao longo do texto, a via para uma cultura mais ecológica parece ser justamente a compreensão profunda de todos esses modelos arcaicos que nos sustentam e o diálogo frutífero entre eles. Se quisermos ser mais ecológicos, devemos aprender tanto sobre o lixo recalcado que nos condiciona, quanto o olhar amoroso que anima e enche de vida nosso grande *oikos*. Afinal ecologia é a ciência da casa. E para atingirmos uma consciência ampla da nossa casa afim de salvá-la, precisaremos tanto de um pensamento lógico que investiga seu passado para projetar seu futuro com sabedoria, quanto de um corpo e um coração sensíveis à alma do mundo vivo que habitamos, que se manifesta na beleza imanente de todas as coisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. *In: Do Pau-brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, testes de concursos e ensaios*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 75-138.

BAITELLO, N; SANTILLI, A.C. Manipulating a dead world: Vilém Flusser and the clashes with the (concept of) “objectivity”. *Flusser Studies*. Vol.34, 2022. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/norval-ana-manipulating-a-dead-world.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BAITELLO, Norval. Vilém Flusser, as ciências arqueológicas e a filosofia do lixo. *Cuyo: anuário de filosofia argentina y americana*. Mendonza, vol.37, p.17-30, 2020. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/anuariocuyo/article/view/4254/3060>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BERRY, Patricia. Qual é o problema com a mãe? *In: O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*. Trad. Maria Anjos e Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 9-28.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Ariene Caetano. 34 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e terra, 2017.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, v.1.

_____. *Mitologia grega*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, v.2.

_____. **Mitologia grega**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, v.3.

CYRULNIK, Bóris. **Do sexto sentido**: o homem e o encantamento do mundo. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

FLUSSER, Vilém. A consumidora consumida. **Comentário**. Rio de Janeiro, vol. 13, 1972. p. 35-46.

_____. **A história do diabo**. 4 ed. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. Trad. Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: É realizações, 2019.

_____. **O último juízo**: gerações I: culpa & maldição. São Paulo: É realizações, 2017a.

_____. **O último juízo**: gerações II: castigo & penitência. São Paulo: É realizações, 2017b.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v.16.

HARLOW, Harry. **Learning to love**. Nova York: Ballantine books, 1971.

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Trad. Gustavo Barcellos. Campinas: Verus, 2010.

_____. Senex e puer: um aspecto do presente histórico e psicológico. *In*: **O livro do puer**: ensaios sobre o arquétipo do puer. 2 ed. Trd. Gustavo Barcellos. São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Trad. Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

PARIS, Ginnete. **Meditações pagãs**: os mundos de Afrodite, Ártemis e Héstia. Trad. Sonia Maria Caiuby Labate. Vozes. Petrópolis, 1994.

ZOJA, Luiji. **O pai**: história e psicologia de uma espécie em extinção. Trad. Pericles Pinheiro Machado Jr. São Paulo: Axis Mundi, 2005.